

Quaresma 2003

Padre Robert P. Maloney
Superior Geral

Às Filhas da Caridade do mundo inteiro

Minhas queridas Irmãs,

Que a graça de Nosso Senhor esteja sempre conosco!

Nos relatos da paixão com exceção de Jesus, nenhuma pessoa está mais em evidência do que Pedro. Os evangelistas diferem ao narrar detalhes importantes dos últimos dias de Jesus (o que disse na Última Ceia, quem estava presente em sua crucifixão, que palavras falou sobre a cruz), mas os quatro evangelistas concordam ao narrar que Pedro negou Jesus por três vezes. Em nenhuma outra parte, os Evangelhos convergem tanto. A história das negações de Pedro é extraordinariamente viva, cheia de detalhes tão coloridos que cativou a imaginação dos primeiros cristãos e permaneceu gravada em suas memórias: Pedro seguindo Jesus, timidamente à distância, no pátio do Sumo Sacerdote; aquecendo-se junto à fogueira onde uma criada o reconhece; esquivando-se furtivamente do cenário para escapar às suas insistentes perguntas; as testemunhas reconhecendo seu sotaque galileu; recaindo três vezes, por uma negação, uma maldição e um juramento; ouvindo o canto do galo e Jesus fixando sobre Pedro seu olhar exatamente no momento da terceira negação; ele recordando-se das palavras proféticas de Jesus e chorando amargamente.

Refletindo sobre as negações de Pedro, é importante lembrar que elas têm um prelúdio e uma seqüência.

Observemos as três cenas do prelúdio. Na primeira cena a mais pacífica, Pedro professa publicamente sua fé em Jesus (Mc. 8, 29; Mt. 16, 16); mas agora, no início da paixão, sob juramento, nega conhecê-lo. Numa segunda cena, na Última Ceia, Pedro afirma: "Ainda que todos se escandalizem, eu não me escandalizarei" (Mc. 14,29), evocando a profecia de Jesus: "Em verdade te digo que hoje, esta noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes me negarás" (Mc. 14,31). Pedro insiste: "Mesmo que tivesse de morrer contigo, não te negaria" (Mc. 14,31); mas suas palavras são pura bravata. O Evangelho de Marcos termina abruptamente a narrativa da última Ceia com esta vanglória irrealista e a peça se transforma em drama no Jardim das Oliveiras, lugar da terceira cena do prelúdio. No Horto, Jesus diz a Pedro, Tiago e João: "Vigiai e orai" (cf.. Mc.14,34-38). Eles adormecem. Jesus dirige-se de modo particular a Pedro: "Simão, estais dormindo? Não fostes capaz de velar por uma hora? Vigiai e orai para que não entreis em tentação; pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca" (Mc. 14, 37 e 38). Vigiai! Orai! No prelúdio, Pedro não faz nenhuma das duas coisas. Não se prepara para a grande prova que está para acontecer.

O significado de tudo isto, especialmente no evangelho de Marcos é muito claro. Marcos nos está dizendo que o discípulo que foi o primeiro (1, 16) e o último citado (16, 7), o primeiro a testemunhar publicamente Jesus (8, 29) e se vangloriou de querer segui-lo ate a morte (14, 31) dormiu, não rezou, fugiu no momento decisivo e negou-o , chegando a jurar que não conhecia Jesus. Verdadeiramente não estava preparado para tomar a cruz e seguir o Senhor.

Claro, a continuação do relato é muito mais feliz. Embora Pedro seja lento para crer, mesmo após a ressurreição (cf. Lc. 24, 11), Jesus lhe aparece (Lc. 24, 34) e o conduz ao arrependimento para que, uma vez convertido, comece a fortalecer os outros (cf. Lc. 22, 32). Paralelamente às suas três negações, Pedro professa por três vezes seu amor ao Senhor (Jo. 21 15-17). Assume seu lugar como chefe dos doze, evangelista dos circuncisos (Gal. 2, 7) e pilar da Igreja de Jerusalém (Gal. 2, 9).

Existe outra personagem na Quaresma mais apropriada do que Pedro? A Quaresma é tempo de renovar nossa profissão de fé do batismo, para recentrar nossas vidas no Senhor, para decidir novamente carregar nossa cruz e seguir Jesus. Permitam-me nesta Quaresma oferecer-lhes três reflexões suscitadas pelo papel de Pedro nos relatos da Paixão.

1. A primeira reflexão é muito simples, muito rudimentar . Não há necessidade de ser psiquiatra para compreender as motivações do fracasso de Pedro. Ele era manifestamente inconsciente de sua própria fraqueza; mais pretensioso do que humilde. Contrariamente ao apelo reiterado de Jesus, não vigiou nem

orou. A fraqueza de Pedro aparece com mais evidência no evangelho de Marcos se recordarmos as palavras com as quais Jesus, antes do início do relato da paixão, introduz uma última parábola: “Ficai atentos e vigiai, pois não sabeis quando será o momento” (13, 33). Assim, durante a Quaresma, a história de Pedro nos questiona bem diretamente: Reconhecemos nossa própria fragilidade? Permanecemos humildes diante do Senhor, conscientes de que “levamos tesouros em vasos de argila” (2. Co. 4, 7)? Estamos alerta, vigilantes? Abrimos os olhos para ver o Senhor agonizando no Horto? Reconhecemos sua angústia nas pessoas sem teto, que se abrigam nos alpendres buscando refúgio contra o frio? Seu olhar sofrido, refletido nos olhos das crianças famintas e das mães desesperadas toca nossos corações? Rezamos humilde e constantemente, como Jesus nos pede? Suas palavras interrogando Pedro contêm um dos desafios mais fundamentais do Novo Testamento: ? “Não fostes capaz de velar uma hora? Vigiai e orai para que não entreis em tentação” (Mc. 14, 37). Levamos a sério o imperativo urgente da primeira das duas cartas do Novo Testamento atribuídas a Pedro ou a minimizamos como se contivesse uma linguagem figurada e fora da moda : “Sede sóbrios e vigilantes! Eis que o vosso adversário, o demônio, vos rodeia como um leão a rugir, procurando a quem devorar” (1 Pd. 5, 8)?

2. Frequentemente na história da Igreja, os hagiógrafos hesitaram em mencionar as faltas dos santos. Os evangelistas não tiveram tais escrúpulos. Falavam com grande franqueza sobre a infidelidade de Pedro. No entanto, uma sutil pedagogia da esperança subentende o relato desta história. A narrativa das negações de Pedro, em última análise, não têm um caráter negativo. Pelo contrário, os escritores do Novo Testamento sublinham o papel que ele exerce de uma forma renovada e positiva na vida da Igreja após a ressurreição (Lc. 24, 34; At. 1, 15; 1, 22; 2, 14; 3, 1; 4, 8; 5, 29; 8, 32-ss; 10, 9-ss; 1 Cor 15, 5). A história de Pedro pretende animar os cristãos que sofriam perseguição quando foram escritos os evangelhos. Sua morte como mártir, por volta do ano 64 depois de Cristo, permanece como testemunho claro de que, havendo falhado no primeiro momento, no final carregou sua cruz com muita coragem e seguiu Jesus. Com certeza, nos momentos difíceis, muitos dos primeiros cristãos, como Pedro, experimentaram sua própria debilidade e cometeram faltas, como nós o fazemos. Mas os evangelistas asseguravam-lhes existir esperança: mudança, crescimento e conversão sempre são possíveis. Grande debilidade e graves falhas junto com um amor arrependido

podem coexistir na mesma pessoa? A história de Pedro nos diz que *sim*.

3. Os evangelistas, quando nos falam de Pedro, também nos oferecem uma boa dose de sóbrio realismo cristão com relação àqueles que exercem autoridade na Igreja. A história nos oferece inumeráveis exemplos de autoridades que, como Pedro, foram infiéis. Por isso, lendo a viva narração das negações de Pedro nos relatos da paixão, é muito importante para nós, que exercemos autoridade que reconheçamos com humildade nosso próprio pecado. Vocês se surpreendem quando detectam falhas evidentes naqueles que o Senhor chamou para o serviço da autoridade? O realismo cristão nos ensina que isto sempre foi assim, não só com relação a Pedro, ou aos outros apóstolos que fugiram, mas também com relação a papas, bispos, provinciais e superiores locais. Isto é verdade também com outras pessoas que exercem autoridade na sociedade: padres, professores, juizes ou médicos. A Igreja é feita de santos e de pecadores. De fato, há uma mistura do santo e do pecador em cada um de nós. Pecado e graça lutam profundamente no coração de cada cristão, e também naqueles que exercem a autoridade. Os evangelhos proclamam, como no caso de Pedro, que a graça vencerá (mesmo em nossos superiores!) - se estivermos, evidentemente, dispostos a vigiar e orar.

São estes meus pensamentos para esta Quaresma. Com as palavras da segunda carta atribuída a Pedro no Novo Testamento, peço ao Senhor crucificado e ressuscitado que nos fortaleça a todos nós durante estes dias, para que possamos manter nossos olhos fixos constantemente nele “como a uma luz que brilha em lugar escuro, até que raie o dia e surja a estrela d’alva em nossos corações” (2 Pd. 1, 19).

Seu irmão em São Vicente,

Robert P. Maloney, C.M.
Superior Geral

Vida da Companhia

A espiritualidade da Companhia

Primeira Conferência dada na
Casa Mãe em preparação
à Renovação 2003
Padre Fernando QUINTANO
Diretor General

Introdução

Os temas das duas conferências preparatórias da Renovação deste ano estão intimamente relacionados. Esta de hoje será sobre "*a espiritualidade da Companhia*". A de amanhã será sobre o "*espírito da Companhia*". Como introdução a estas duas conferências parece-me oportuno esclarecer o significado das palavras "espiritualidade" e "espírito" no que se refere à Companhia.

Ocorre freqüentemente que, em encontros intercongregacionais, por exemplo, os membros das diversas congregações são convidados a expor respectivamente seu carisma e identidade na Igreja. No final dessas exposições, conclui-se que em todos estes ramos que formam a árvore da vida consagrada na Igreja há vários elementos comuns: consagração (doação total a Deus), missão, conselhos evangélicos (se bem que assumidos de maneiras diversas), vida em comum etc. A diferença entre umas e outras está, sobretudo, na "espiritualidade" e no "espírito" próprios de cada uma.

A *espiritualidade* é uma maneira concreta de entender e organizar os diversos elementos constitutivos do seguimento de Cristo. Quando se fala de espiritualidade beneditina, franciscana, inaciana etc. se está expressando as diversas maneiras de descobrir Cristo e encarnar o Evangelho, surgidas na Igreja nas diversas épocas, graças aos diversos dons inspirados pelo Espírito Santo a São Bento, São Francisco, Santo Ignácio e que precisamente, deram nome às três espiritualidades enumeradas. Cada uma dessas "espiritualidades" ou "caminhos do espírito" são maneiras diversas de concretizar a vivência integral da fé cristã, da espiritualidade evangélica definida como resposta do Espírito Santo às necessidades de cada época.

Quando falamos de espiritualidade vicentina fazemos alusão à experiência espiritual de São Vicente, isto é, à maneira como descobriu e seguiu Jesus Cristo. São Vicente não elaborou nenhuma doutrina ou teoria de sua caminhada espiritual, mas falou e transmitiu sua fé e sua experiência espiritual. Fé e experiência que se harmonizam com a descoberta e o seguimento de Cristo como enviado do Pai para evangelizar e servir os pobres e com a caridade que se faz serviço. Em torno deste duplo eixo foi descobrindo e modelando progressivamente sua vida pessoal e, através de suas conferências e cartas, podemos perceber também como descobriu e organizou um novo modo de viver o Evangelho e de ser boas cristãs no projeto da Companhia.

Esse projeto de vida consiste no seguimento radical de Cristo para continuar sua missão de Evangelizador e Servo dos Pobres. Em torno desse duplo eixo integrou e desdobrou também os elementos que constituem o projeto de vida da Companhia em seu conjunto: uma doação total a Deus para servir integralmente os pobres (dom para a missão), a vida comunitária, a prática das virtudes específicas e os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, assumidos pelos votos não religiosos e renováveis cada ano. Se acrescentarmos a este projeto de vida o que o fundador inculcou também nas Irmãs sobre a oração e a devoção a Maria, teremos reunido coerentemente todos os elementos que integram a identidade espiritual das Filhas da Caridade, isto é, o caminho evangélico que irá ajudá-las a serem boas cristãs levando-as à santidade. Considerando que todos estes elementos constituem a identidade e a espiritualidade da Companhia e estão orientados para seu fim que é o serviço dos pobres, a espiritualidade das Filhas da Caridade é uma "espiritualidade de servas"¹.

O elemento dinamizador de todo este projeto de vida é "o espírito". Segundo São Vicente o espírito é o elemento que identifica todo o resto: *"deveis saber, minhas, Irmãs, que Deus deu um espírito particular a todas as Companhias que formou para seu serviço, e que a estima e a prática da virtude própria desse espírito é como a alma dessa Companhia, aquilo que a faz viver... Deus dá seu espírito de modo diferente a uns e a outros, e de tal maneira que o espírito de um não é o espírito do outro. Quando Deus fez a Companhia das Filhas da Caridade deu-lhe o seu espírito particular. O espírito é o que anima o corpo. Importa que as Filhas da Caridade saibam em que consiste esse espírito"*².

São Vicente dedicou três conferências (2, 9 e 24 de fevereiro de 1653) para explicar em que consiste o espírito próprio da Companhia. Como disse repetidas vezes, para ele este espírito consiste e se

¹ cf. C. 1.10; 2.1; 2.2 e 2.9.

² Conferência de 2 de fevereiro de 1653, p. 381, 382.

expressa na prática da humildade, da simplicidade e da caridade. São estas virtudes que ajudam as Filhas da Caridade a se tornarem servas dos pobres e agir como tais. Por isso, o próprio São Vicente tira esta conclusão de suas conferências e a repete insistentemente: "*Assim como a alma é a vida do corpo, no dia em que na Companhia deixar de haver a caridade, a humildade e a simplicidade, a pobre Caridade estará morta. Sim, estará morta*"³. "*Mais valia não haver mais Filhas da Caridade se entre vós não houvesse estas virtudes*"⁴.

Para resumir esta longa introdução, poderíamos dizer que quando falamos da "*espiritualidade*" referimo-nos ao conjunto dos elementos espirituais que integram o projeto evangélico que o Espírito Santo inspirou aos fundadores e eles transmitiram à Companhia como herança espiritual. E quando falamos de "*espírito*" referimos-nos ao elemento mais específico e dinamizador de todo esse conjunto. Alguma coisa como o "ar de família" que identifica as Filhas da Caridade na Igreja como servas dos Pobres, ou como o colorido que dá uma tonalidade particular a todos os elementos que integram o quadro de sua identidade e espiritualidade e as concretizam.

Algumas de vocês poderiam dizer que estas distinções são sutilezas e detalhes sem importância. Precisaria então responder que, na verdade, a existência dos diversos carismas na Igreja é uma questão de detalhes; e são precisamente esses detalhes que explicam e justificam os diversos modos de compreender e de seguir Cristo, suscitados pelo Espírito Santo através da história.

Esta introdução é válida para o tema de hoje, "a espiritualidade da Companhia", e para o de amanhã: "o espírito". Os pontos a desenvolver neste tema de hoje são: a origem sociológica da Companhia; Cristo Servo e Maria Serva como inspiradores e fundamentos da espiritualidade de serva, e algumas conseqüências práticas decorrentes de tudo isso para as Filhas da Caridade.

A origem da Companhia

A volta às fontes foi um dos critérios dados pelo Concílio Vaticano II ao tratar sobre a Renovação da vida consagrada⁵. Sem dúvida que a realidade atual é muito diferente daquela vivida por nossos fundadores. Não se pode pretender que este olhar sobre as origens da Companhia suponha para e as Filhas da Caridade de hoje um retorno à vida das primeiras Irmãs, nem à realidade que lhes deu origem. Volta-se às fontes

³ Conferência de 9 de fevereiro de 1653, p. 390

⁴ Idem, p. 391.

⁵ cf. *Decreto Perfectae Caritatis*, 2.

para redescobrir os valores evangélicos permanentes inspirados por esta realidade e que devem continuar sendo as notas distintivas da espiritualidade de servas das Filhas da Caridade.

Para introduzir e bem situar este ponto da conferência parece-me oportuno começar citando palavras de nosso Superior Geral precedente, Padre Richard McCullen. Pronunciou-as durante uma intervenção sobre o tema "como expressar hoje a vocação de Filhas da Caridade". A citação é longa, mas vale a pena retomá-la na íntegra, pois sintetiza perfeitamente a intenção do que gostaria de expor. Diz Padre McCullen: *"A Filha da Caridade de hoje, deve viver sua vocação, deve esforçar-se para ser, em primeiro lugar, a serva de Jesus Cristo, e depois a serva dos pobres. Creio que aqui está a chave. Falamos muito de serviço aos pobres. Fariamos melhor se pensássemos mais na vocação de servas. Uma coisa é servir aos pobres e outra é ser serva dos pobres. Há uma grande diferença entre prestar um serviço e ser serva... As aeromoças, por exemplo, não gostariam que os passageiros entrassem no avião e depois de tê-las saudado lhes dissessem: vocês são nossas servas durante a viagem. Sem dúvida sentir-se-iam contentes de prestar alguns serviços durante o vôo, mas não gostariam de ser consideradas como servas. Poder-se-ia dizer que a vocação cristã consiste em ser ao mesmo tempo servas e oferecer serviços. Esta é certamente a vocação da Filha da Caridade. Ela foi chamada para servir os pobres na Companhia, mas, ainda é mais importante o haver sido chamada para ser serva e ter mentalidade de serva, isto é, a mentalidade de Jesus Cristo"*⁶.

Segundo o Padre Lloret, a contribuição mais importante de Mère Rogé para a Companhia foi sua insistência para que as Filhas da Caridade voltem às suas origens e redescubram a mentalidade de servas dos pobres. Várias vezes ela falou sobre este tema⁷. Ora, os acontecimentos sempre estiveram na base das diversas fundações realizadas por São Vicente. Quais os acontecimentos que deram origem à Companhia?. Mère Rogé fixava sua atenção sobre o que se poderia considerar como a origem sociológica. Foi para substituir as criadas que as Senhoras das Condições da Caridade enviavam para prestar aos pobres os serviços que sua condição elevada não lhes permitia realizar⁸. Referindo-se à origem São Vicente dizia às primeiras Irmãs: *"Em primeiro lugar, (Deus) tomou meninas pobres. Se tivesse escolhido as ricas, teriam estas feito o que fizeram aquelas? Teriam servido aos*

⁶ Padre Richard McCullen. "Conferência às Visitadoras e seus Conselhos", em Filhas da Caridade, testemunhas e profetas: Ed. CEME. Salamanca 1990, Pág. 35.

⁷ cf. Padr Lloret: *Os principais escritos de Irmã Lucie Rogé*. Ecos da Companhia, janeiro 1993, Págs. 10-14; *A mensagem de Irmã Lucie Rogé*, 1992, p. 117-127; 163-174. Mère Rogé. *Retiro na Casa Mãe*. Ecos da Companhia, maio 1979, p. 216-221; *Atitudes da Filha da Caridade para o serviço*, em Dom total para o serviço. Ed. CEME. Salamanca 1982, Págs. 231-241.

⁸ cf. S. V. IX, 542; Conferência de 24 de fevereiro de 1653.

*doentes nos mais baixos e penosos serviços? Teriam podido levar uma panela, um cesto ao mercado, comprar as provisões?*⁹ A intenção dos fundadores foi que as Filhas da Caridade proporcionassem aos pobres cuidados similares aos que as criadas prestavam a seus Senhores. Há, pois, uma transposição de papéis: como as criadas servem seus amos, assim as Filhas da Caridade servirão seus "senhores e mestres, os pobres". Os fundadores sabiam por experiência o que implicava esta transferência de papéis. São Vicente na casa da família de Gondi e Santa Luísa em sua própria casa, antes da morte de seu marido, haviam podido observar como se comportavam os domésticos e os servos: dependentes, respeitosos, submissos e obedientes aos desejos de seus mestres. As Filhas da Caridade, como servas de seus "senhores e mestres", os pobres, devem servi-los com respeito, constância, ternura e devoção.

Os fundadores vão mais longe em suas exigências. Querem que as Filhas da Caridade sejam consideradas da classe social a que pertencem as servas. No Regulamento de 1645 diz-lhes São Vicente: "*Lembrar-se-ão de que levam o nome de servas dos pobres, que segundo o mundo, é um dos ofícios mais baixos*"¹⁰. E na conferência de 11 de novembro de 1657 diz: "*Vivamos em harmonia com a nossa condição e queiramos ser sempre tratadas como pobres*"¹¹. Conhecemos também as reticências do fundador ao receber na Companhia jovens de uma classe social mais alta por causa do risco de perder o sentido de pertença à classe social dos pobres¹².

Os nomes com os quais a Companhia foi reconhecida e aprovada nos diversos documentos oficiais (20 de novembro de 1646; 18 de janeiro de 1655 e 8 de agosto de 1655) são: "*Servas dos pobres da Caridade*" e "*Confraria da Caridade das servas dos pobres*". As Regras Comuns de 1672 (Padre Almerás) chamam-nas "*Filhas da Caridade servas dos pobres doentes*". Segundo as Constituições atuais (1983) as Filhas da Caridade são reconhecidas na Igreja como "*Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, Servas dos Pobres*"¹³. O nome de servas aparece em todos esses documentos. O fundador lembra várias vezes às Irmãs que foi o próprio Deus quem lhes deu este nome e que devem viver em conformidade com ele¹⁴. Como veremos mais adiante, e mais detalhadamente na próxima conferência, quando São Vicente insiste sobre a humildade, a simplicidade e a caridade, é porque está convencido de que essas são as atitudes indispensáveis

⁹ S. V. IX, 292; Conferência de 30 de maio de 1647.

¹⁰ Regulamento das Filhas da Caridade; Coste XIII, p. 556

¹¹ Conferência de 11 de novembro de 1657.

¹² cf. Conferência de 24 de fevereiro de 1653.

¹³ C. 1. 1.

¹⁴ cf. Conferência de 4 de março de 1658.

para que as Filhas da Caridade sejam e pareçam verdadeiramente servas dos pobres. Só assim viverão em coerência com seu nome.

Para provar a estreita relação entre a origem sociológica da Companhia e a espiritualidade de servas, São Vicente propunha às Filhas da Caridade o exemplo de Margarida Naseau. *"A primeira Irmã que teve a felicidade de mostrar o caminho às outras"*¹⁵. Após a conferência "sobre as virtudes de Margarida Naseau", São Vicente falou para as Irmãs sobre a "Imitação das meninas do campo"¹⁶.

Entre as primeiras Irmãs havia algumas que consideravam o estado da vida religiosa superior ao da Companhia, talvez porque, em geral, as que entravam nos mosteiros pertenciam a uma classe social mais elevada. São Vicente reconhece essa diferença social e lhes diz: *"essa qualidade de pobres distingue-vos das que são ricas"*. Mas isso não as torna inferiores, ao contrário: *"não conheço nenhuma Companhia religiosa mais útil à Igreja do que a das Filhas da Caridade"*¹⁷. E em favor do nome de "servas dos pobres" conclui assim: *"deveis ter esse título em grande honra, porque o próprio Papa se tem em grande honra o ser chamado Servo dos servos de Deus"*¹⁸.

De tudo isso decorre uma dupla constatação: que a origem da Companhia inspira sua espiritualidade, e que um olhar sobre suas origens tem por finalidade aprofundar esta espiritualidade ou reencontrá-la se estiver perdida.

Cristo Servo

Onde as Filhas da Caridade irão beber e onde consolidarão sua espiritualidade de servas dos pobres? Sua fonte e seu fundamento é o Cristo-Servo e Maria -Serva. Quando São Vicente propõe Cristo como modelo das Filhas da Caridade, o traço que mais destaca é o de Servo.

O evangelista São Lucas apresenta Cristo como o enviado para levar a Boa Nova aos pobres¹⁹. São Vicente comenta esta passagem com estas palavras: *"Jesus Cristo, quando veio a este mundo, tomou como principal tarefa assistir e cuidar dos pobres... E se lhe perguntassem: "o que mais viestes fazer na terra? - Assistir os pobres."*

¹⁵ Conferência de julho de 1642, p. 50; cf. Conferência de 24 de fevereiro de 1653.

¹⁶ cf. Conferência de 25 de janeiro de 1643.

¹⁷ Conferência 2 de fevereiro de 1653, p. 382.

¹⁸ Conferência 9 de fevereiro de 1653, p. 388; cf. Conferência de 30 de maio de 1647.

¹⁹ cf. Lc. 4, 18.

Algo mais?- assistir os pobres»²⁰. Por isso o fundador repetia que a Companhia havia surgido "para honrar a vida humana de Nosso Senhor", "para fazer o que um Deus fez na terra"²¹.

Quando as Constituições dizem que as Filhas da Caridade "*contemplam o Cristo no aniquilamento de sua Encarnação Redentora*"²², estão expressando um dos traços mais característicos da cristologia dos fundadores, por isso mesmo, da espiritualidade da Companhia. Para São Vicente, inspirando-se em São Paulo, Jesus Cristo é o Deus que se rebaixa para assumir a condição humana, "o amor humilhado". A prova suprema deste amor e humilhação foi a morte na cruz. Um tal amor deve arder e impulsionar o coração da Filha da Caridade. Por isso Santa Luisa acrescentou a palavra "crucificado" ao texto de São Paulo que circunda o selo da Companhia.

O gesto de Jesus lavando os pés de seus discípulos traduz toda a vida Daquela que não veio para ser servido, mas para servir. Esse gesto era incompreensível para Pedro por ser algo próprio dos escravos. Jesus se encarrega de explicar-lhe: "*Compreendeis o que vos fiz?...Se, portanto, eu, o Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que como eu vos fiz, também vós o façais*"²³.

Partindo deste exemplo de Cristo, a Exortação Vita Consecrata diz que a vida consagrada "*caracterizou-se por este "lavar os pés", ou seja, pelo serviço sobretudo aos mais pobres e necessitados... segue o Verbo que se faz carne, se aniquila, se humilha para servir os homens*"²⁴.

A justo título as Constituições da Companhia afirmam: "*É a imitação deste Cristo Servo que São Vicente e Santa Luisa propõem às Irmãs para viverem como boas cristãs e serem boas Filhas da Caridade*"²⁵.

Maria Serva

As Constituições dizem que quem procura seguir a Jesus Cristo encontra Maria. Ela é mestra de vida espiritual para as Filhas da

²⁰ Coste XI, 108; Conferência 29 de outubro de 1638.

²¹ Conferência 9 de março de 1642, p. 39.

²² C. 2. 2.

²³ Jo. 13, 12-15.

²⁴ V. C. 75 b.

²⁵ C. 2. 1.

Caridade. E um dos traços que nela contemplam é o de "serva humilde e fiel aos desígnios do Pai, modelo dos corações pobres"²⁶. Também quando rezam o ângelus "apraz às servas dos pobres contemplar o mistério da Salvação do qual Maria se tornou a humilde serva"²⁷.

As palavras com que Maria acolhe a mensagem do anjo mostram sua total disponibilidade ao plano de Deus: "Eis aqui a Serva do Senhor; faça-se em mim segundo a vossa palavra". Esta expressão sintetiza tudo o que se diz do "Servo de Yahvé" no Antigo Testamento. Os pobres e humildes que punham sua confiança em Deus e permaneciam fiéis apesar das provações são chamados anawin (os pobres). A resposta de Maria ao anjo e o canto do Magnificat se inspiram na figura desse Servo de Yahvé: "Deus olhou para a pequenez de sua serva", "fez em mim grandes coisas", "depôs os poderosos de seus tronos e elevou os humildes". Maria se considera da classe social dos pobres. Em sua condição humilde e disponível o Senhor vai realizar grandes coisas. Segundo São Vicente, as Irmãs devem contemplar Maria sobretudo nos mistérios da Anunciação e da Visitação; é aí que ela melhor se mostra como a Serva fiel e humilde dos desígnios do Pai e modelo dos corações pobres. Se as Filhas da Caridade apreendem essa lição, também o Senhor continuará fazendo por elas e nelas grandes coisas em favor dos pobres.

A Instrução sobre os votos, falando da atitude de servas, diz: "A vocação das Filhas da Caridade supõe e exige uma afinidade profunda com o espírito que animava Cristo Servo e Maria, a Serva do Senhor"²⁸.

Conseqüências e expressões da espiritualidade de servas

Com relação ao tema que estamos tratando, como em tantos outros, é-nos fácil pôr todos de acordo sobre as afirmações e os princípios gerais. As dificuldades e talvez também os desacordos aparecem quando se chega às conseqüências que decorrem para a vida prática de cada dia.

É preciso deixar claro que ao tratar este tema não é minha intenção retroceder à realidade social das origens da Companhia, nem suas repercussões entre as Irmãs. Felizmente esta realidade mudou para melhor, embora ainda persistam certas discriminações e menosprezos para com as pessoas que se dedicam a determinados serviços públicos

²⁶ C. 1. 12.

²⁷ C. 2. 16.

²⁸ Instrução sobre os votos, p. 117.

ou domésticos. A denominação de "criadas", "servas" etc. foi substituído por funcionárias da casa, serviços públicos ou a domicílio... se bem que nem sempre a mudança de nome corresponda a uma mudança de mentalidade para com as pessoas que realizam essas tarefas. Continuam consideradas como pertencentes a um setor inferior na escala social.

O que conta na cultura atual é o prestígio, a promoção, a possibilidade de consumir. Falar de humildade, de simplicidade, de sobriedade, de atitude de servas parece contrário à cultura corrente. Esta mentalidade está influenciando as Filhas da Caridade?

- Se assim fosse, precisar-se-ia primeiro ter idéias claras sobre a identidade da Companhia: ela existe para ser serva dos pobres. "*A classe social a que pertencemos, dizia Mère Rogé, é a dos pobres. E acrescenta: Nossa dificuldade, hoje, está no fato de termos apagado um pouco em nós essa convicção, não tomamos plenamente consciência disso nem o fazemos compreender aos outros*"²⁹. "*A Filha da Caridade deve encontrar-se à vontade, sentir-se feliz em sua identidade. Sabe que é serva e se situa em dependência com relação a seus "Senhores e Mestres"*³⁰.
- Já evocamos como a Companhia nasceu e a conexão que os fundadores faziam entre a espiritualidade de servas e a origem sociológica. Quando escuto certas Irmãs que, se apoiando sobre a mudança cultural, propõem suprimir das Constituições as palavras "pobres", "servas", por exemplo, pergunto-me, com certa preocupação, o que querem significar com estas mudanças que propõem: será que querem somente uma mudança de palavras, ou melhor, buscam não mais se identificar com sua condição de servas dos Pobres? Na verdade, o que nos deve preocupar é a perda dos valores evangélicos que os fundadores quiseram significar com determinadas palavras e não a substituição de umas por outras. Porque na Companhia certos nomes estão intimamente ligados à sua identidade. Na minha opinião, mais do que mudar palavras porque em certos contextos culturais estão caindo em desuso, ou porque o seu sentido original mudou, trata-se de explicar hoje o que os fundadores quiseram expressar em seu tempo. Algo semelhante ao que fazemos com o evangelho: em contextos culturais onde as palavras "pastor", "rebanho", "vinha", "pão", "vinho" são estranhas.etc. Não pensamos em substituí-las por outras mas adaptá-las ao contexto. O que precisamos fazer é explicar hoje o que significavam e expressavam quando Jesus as

²⁹ Mère Rogé. *Dom total para o serviço*, p. 236.

³⁰ Idem, p. 235.

pronunciou. As Constituições são escritas para as Filhas da Caridade e estas devem conhecer a cultura da Companhia e o significado das palavras com as quais os fundadores quiseram expressar sua identidade e espiritualidade. Quando parecer necessário, deve-se explicar às outras. Mas creio que essas duas palavras deveriam permanecer nos textos próprios da Companhia. Os pobres, ontem e hoje, são os excluídos e os marginalizados. Todos eles são pobres, os preferidos de Deus, a razão de ser das Filhas da Caridade e os destinatários de seus humildes serviços. Elas continuam sendo "as servas". É algo tão evangélico que São Vicente o considerava como uma honra da qual não éramos dignos. Certo que não devemos insistir defendendo palavras, mas valores. O problema é que deixar de utilizar determinadas palavras pode provocar também o abandono de uma maneira de pensar e de ser .

- Entre certas Irmãs, também pode infiltrar-se, hoje, a dupla tentação que consiste, por um lado em sentir-se humilhada de pertencer à classe social dos pobres e por outro, pensar que entrar na Companhia equivale a uma promoção social. Estes riscos não parecem tão irrealistas quando lembramos as palavras de Mère Rogé há vinte anos atrás: *a Companhia*, disse ela, *necessita passar de ser "Filhas da Caridade" a ser "Filhas da Caridade servas"*³¹. E se este título e o serviço aos pobres não são a expressão de sua doação total a Deus, as Irmãs estariam mais próximas de uma associação de beneficência e de promoção que da espiritualidade e identidade que caracterizam a Companhia na Igreja. O Padre McCullen também fazia alusão a isto quando dizia; *"há uma grande diferença entre prestar um serviço e ser serva"*.
- A formação das primeiras Irmãs, mesmo superior à das jovens de sua época, era muito elementar e fundamental. Aprendiam o necessário para realizar o serviço que lhes era confiado. Hoje, tanto as exigências legais quanto a qualidade do serviço exigem das Irmãs a preparação e os diplomas oficiais correspondentes. O alto nível profissional ou o papel que desempenham não deviam favorecer um sentido de superioridade nem diante dos pobres nem diante das Irmãs que prestam outros serviços. *"Sejam quais forem suas formas de compromisso e seu nível profissional, conservam, em relação aos Pobres, uma atitude de serva que deve ser a concretização das virtudes de seu estado: humildade, simplicidade e caridade. Empenham-se em conservar o desprendimento de coração e*

³¹ cf. *Ecos da Companhia*, abril 1996, p. 140.

sentido da gratuidade, manifestados no espírito de seu serviço e na qualidade de sua presença⁶². "A pobreza do coração...impulsiona as Filhas da Caridade a colocar a serviço de seus irmãos e irmãs sua pessoa, talentos, tempo e trabalho, assim como os bens materiais que consideram como patrimônio dos Pobres"⁶³. Eis aí a tradução atualizada da espiritualidade de servas.

- "O que fizestes a um desses, meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes"³⁴. Esta afirmação de Jesus é básica para a espiritualidade de servas. Ninguém seria capaz de duvidar do amor apaixonado de São Vicente pelos pobres, um amor afetivo e efetivo. Mas ele não fazia descrições idealizadas dos pobres. Frequentemente –dizia ele - são exigentes, egoístas, ingratos, sujos, bêbados, ladrões; quase sem figura humana. Outras vezes os via solidários, pacientes, confiantes na Providência, encarnando a verdadeira religião. Uns e outros são sacramentos de Cristo. Servi-los é reconhecê-Lo. Por isso as Filhas da Caridade estão dispostas a deixar, se necessário, outros tipos de encontro (a oração e mesmo a missa), convencidas de que isso "é deixar Deus por Deus"³⁵ e que "servir os pobres é servir Jesus Cristo". Os pobres são "Senhores e Mestres" porque representam o único Senhor e Mestre. "Pelo olhar de fé, vêem Cristo nos Pobres e os Pobres em Cristo. Esforçam-se por servi-Lo em seus membros sofredores "com ternura, compaixão, cordialidade, respeito e devoção"³⁶. Esta maneira de servi-los não seria possível sem o olhar da fé, sem virar a medalha para descobrir o rosto de Cristo escondido além das aparências. Esta visão de fé e esta maneira de servir os pobres é o "algo mais" carismático que as Filhas da Caridade acrescentam ao serviço de qualquer profissional. É no serviço de Cristo nos pobres que vivem sua doação total a Deus. Esta mística do serviço libera-as do profissionalismo, da busca de prestígio, da manipulação dos pobres por outros interesses pessoais.
- Continuar enumerando conseqüências e expressões da espiritualidade de servas seria interminável. Considerando que essa é a maneira de ser cristãs para as Filhas da Caridade, é normal que tenha repercussões em todas as dimensões de sua vida. Na próxima conferência retomaremos este assunto. Mas,

³² C. 2. 9.

³³ C. 2. 7.

³⁴ Mt. 25, 40.

³⁵ S. V. IX, 297; Conferência 30 de maio de 1647.

³⁶ C. 1. 7.

de maneira breve, enumero agora algumas outras que tenham talvez uma importância particular hoje.

A espiritualidade de servas, segundo os fundadores, se expressa também pela disponibilidade para assumir os serviços que lhes são pedidos. É uma dimensão de obediência, de pobreza e de castidade que libera o coração dos laços que entravam e impedem a mobilidade necessária para ir lá onde os pobres as reclamam. A disponibilidade e mobilidade também são exigidas para continuar a revisão de obras na Companhia. A espiritualidade de servas se manifesta num estilo de vida simples que as aproxime realmente dos pobres, ou, pelo menos, numa sobriedade que não as afaste deles. No interior da comunidade se expressa na atitude de serviço entre as Irmãs, e fora, pela colaboração com os leigos, num mesmo pé de igualdade ou mesmo numa situação de inferioridade. E o que é mais importante ainda, numa ligação direta com a origem da Companhia, na disposição de prestar aos pobres os serviços de que necessitam, inclusive os mais humildes, aqueles que outros se recusam prestar-lhes.

Conclusão

Se a volta às fontes não estiver acompanhada de um verdadeiro sentido crítico para discernir o que é essencial do que é cultural, e talvez acidental no projeto da Companhia, parecerá uma simples restauração ou uma arqueologia paralisante. Não se trata, pois, de trazer ao presente o que pertence a um passado já superado. Mas no tema que tratamos, a volta às fontes tem a intenção de estabelecer um vínculo com uma dimensão essencial porque ela atinge a identidade espiritual da Companhia. O contexto cultural contemporâneo não é favorável à espiritualidade de servas nem às suas manifestações. Isto exige também uma fidelidade criativa e dinâmica. Mas é incontestável que a dimensão profética da Companhia tem seu campo de ação nesta cultura do prestígio e do poder onde a espiritualidade de servas é chamada a agir como uma e terapia espiritual.

Reconheço que o tema tratado visa a um alto e difícil ideal, mas é profundamente evangélico e vicentino. Sem nenhuma dúvida, é também exigente. São Vicente já havia constatado que "*os pobres são terrivelmente exigentes*".

Para atingir essa meta é preciso escutar e acolher com fé e confiança as palavras de Jesus na montanha: Bem-aventurados os

pobres de espírito, os misericordiosos, os humildes...³⁷ e com a convicção de São Paulo: "*Há mais felicidade em dar que em receber*"³⁸.

Padre Fernando QUINTANO
Diretor Geral

Sessão missionária internacional
Setembro de 2002

Solidariedades missionárias

Paris, 20 de setembro de 2002
Irmã Évelyne FRANC
Ecônoma Geral

Introdução

O tema deste dia, "Solidariedades missionárias", é difícil de tratar porque é muito vasto. Assim escolhi reduzir e limitar minha palestra a alguns aspectos particulares destas solidariedades. Não falarei sobre a evolução do sentido da missão, embora esta atinja a noção de solidariedade, porque este tema já foi ampla e detalhadamente tratado nas conferências precedentes.

O tema "solidariedade" comporta ao mesmo tempo princípios de dependência, de interdependência e o sentimento de ajuda mútua. A Filha da Caridade em missão, quer seja uma Irmã missionária ou uma Irmã autóctone, com frequência, enfrenta situações trágicas de pobreza material e espiritual, onde as noções de dependência e ajuda mútua são capitais.

Na verdade, em missão, a relação com o dinheiro é mais direta que noutra parte. Por várias ocasiões vi as Irmãs contando à noite, no recreio, cédulas estragadas e sujas recebidas no dispensário. Em

³⁷ cf. Mt. 5, 1-12.

³⁸ Atos 20, 35.

nossos países ocidentais (em sentido amplo) a relação com o dinheiro é mais limpa.

Esta relação é também mais direta nas missões, porque a busca de recursos tem uma dimensão determinante para o serviço dos pobres. Aqui, eu me refiro tanto às situações extremas de fome e de catástrofes naturais como à preocupação diária da administração de uma escola ou de um dispensário do interior.

O dinheiro deve ser tratado com respeito, porque provém com freqüência de doações, do trabalho e da partilha generosa de alguém e vai servir para aliviar sofrimentos. Deve, portanto, ser tratado com precaução - a Sagrada Escritura, a Igreja e nossos Fundadores no-lo repetem com freqüência – pois pode ocupar um lugar muito importante e converter-se no símbolo de nossa eficácia no serviço dos pobres. Sua busca e sua posse podem ser vividas de forma individualista e prejudicar gravemente a vida comunitária.

Gostaria de insistir sobre dois pontos, por um lado, a solidariedade comunitária na elaboração de nossa ação e de nossos projetos de serviço dos Pobres e, por outro, a solidariedade financeira a ser vivida entre nós, pois a missão Ad Gentes dá um colorido bem especial ao serviço corporal e espiritual.

Vou basear minha apresentação numa montagem e numa mesa redonda com seis Irmãs que muito amavelmente aceitaram partilhar conosco sua experiência de solidariedade missionária.

I. MONTAGEM

A apresentação de uma montagem serviu de Introdução para uma reflexão pessoal e em seguida para o trabalho de grupos.

Descreveu pontos de ancoragem e alguns princípios básicos das solidariedades missionárias e da administração dos recursos.

1. Pontos de ancoragem de nossas solidariedades missionárias

a) Na Sagrada Escritura

“Bem-aventurados os pobres, porque deles é o Reino de Deus” (Lc. 6, 20).

“Os cristãos reuniam-se e punham tudo em comum” (At. 2, 44).

“Conheceis a generosidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa de vós, se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a sua pobreza” (2 Cor. 8, 9).

b) No ensinamento da Igreja

“A opção pelos pobres inscreve-se na própria dinâmica do amor vivido segundo Cristo” (João Paulo II, *Vita Consecrata*, nº 82, 1996).

“Um verdadeiro testemunho por parte dos crentes é, hoje, essencial na África, para proclamar de forma autêntica a fé. De modo particular, é preciso que eles ofereçam o testemunho de um amor recíproco sincero” (*Ecclesia in Africa*, nº 77, 1995).

“A Igreja da Ásia, com a sua multidão de pobres e oprimidos, é chamada a viver uma comunhão de vida” (*Ecclesia in Asia*, nº 32, 1999).

c) No ensinamento de nossos Fundadores

“Não tendes direito senão a alimentar-vos e a vestir-vos; o que sobra pertence ao serviço dos pobres” (São Vicente, 25-01-1643).

“Quando se tratar de arranjar-vos moradia definitiva, tereis cuidado em escolher uma casa para umas pobres moças” (Santa Luisa, 04-12-1654).

“A vossa firmeza é a santa Providência; foi ela que estabeleceu a vossa Companhia” (São Vicente, 06.01.1642).

2. Os princípios

Todo nosso serviço de pobres – a realização de um projeto ou nossa simples ação missionária - está apoiado pelos princípios de:

Solidariedade, Partilha, Rigor, Flexibilidade

É indispensável agir em colaboração e ajustar-se à realidade local e ao meio cultural.

Tratando-se de um projeto, deve ser:

- amadurecido e refletido sob o olhar de Deus, na oração;
- discernido em comunidade;
- preparado com os pobres e para os pobres;
- pequeno, concreto, preciso, claro, avaliável, duradouro;
- apresentado ao Conselho Provincial;
- posto sob a responsabilidade da Visitadora.

É necessário que seja também:

- um testemunho da ação comunitária
- um testemunho transparente para a Igreja local e para os pobres.

3. A origem e a gestão dos recursos

- recursos recebidos da Companhia
- recursos recebidos de benfeitores
- recursos recebidos das ONGs
- recursos recebidos pessoalmente

Seu modo de circular e de contabilizar deve ser claro, transparente e freqüentemente revisado em nível de Província, da Comunidade local e de cada Irmã. É preciso também fazer uma reflexão periódica quanto à sua distribuição.

A montagem terminou com algumas questões para refletir e interiorizar, antes do trabalho em grupos:

- Qual o rigor no discernimento?
- Ajo em verdade com relação a meu voto de pobreza?
- Sei prestar conta?
- Vivo o princípio de solidariedade e de partilha em comunidade?
- Há igualdade entre as Irmãs missionárias e as Irmãs autóctones?

Os temas para o trabalho em grupo foram:

- os recursos para o serviço dos pobres
- o discernimento de um projeto para os pobres
- e a partilha econômica em nível local e Provincial.

II – MESA REDONDA

Uma mesa redonda reuniu em seguida seis Irmãs a quem se havia pedido preparar um relato de sua experiência em nível da solidariedade econômica. Eis um resumo de suas partilhas:

1. Irmã Adoração dos Santos (Província Chinesa), originária das Filipinas, descreveu uma experiência de solidariedade entre a diocese, a Igreja local e a população indígena das montanhas do sul de Taiwan, para lutar contra o alcoolismo entre os jovens, alcoolismo provocado em grande parte pelas condições de vida na família. Trata-se de tirar as crianças deste meio familiar. Isto se traduz em medidas preventivas e num apelo dirigido a terceiros com a dupla finalidade de motivar psicologicamente as crianças a prosseguir nos estudos e de financiar sua escolaridade secundária. Depois se decidiu abrir uma casa de transição, para facilitar o retorno à vida normal aos jovens gravemente afetados pelo alcoolismo, ao saírem do hospital após uma cura de desintoxicação.

2. Irmã Ann Sauvé (Província do Oriente Próximo), originária dos USA/Evansville, partilhou conosco alguns ecos dos sucessos e das dificuldades da solidariedade econômica. A mentalidade de urgência, que prevalece nos cinco países que constituem a Província, às vezes freia a espontaneidade da partilha e conduz a situações de desigualdade. Expressou alguns desejos:

- elaboração de um orçamento a nível local – reflexão sobre a necessidade de uma ecônoma local,

- necessidade de mais transparência nas contas a nível local e Provincial,
- importância das visitas da ecônoma Provincial.

3. Irmã Teresa Belch (Província do Congo-Congo), originária da Polônia /Cracóvia, descreveu a solidariedade e a partilha vividas pelas Irmãs da Província durante os acontecimentos de março de 1998 e a saída forçada das Irmãs para o Congo Brazzaville, em Liranga. Esta solidariedade foi como uma “bola de neve”. As Irmãs foram acolhidas e elas próprias acolheram depois os refugiados. Os habitantes de Liranga quiseram que as Irmãs ficassem ali, mas elas partiram e dedicaram o tempo necessário para discernir juntas a conveniência de uma implantação neste lugar, o que ocorrerá no final deste ano 2002.

4. Irmã Margaret Petit-Frère, originária da Província do Haiti, apresentou esta jovem Província que vive em solidariedade com a população uma história marcada pela violência política e revoltas.

Solidariedade com a Igreja local, aplicando o slogan local: “A Igreja somos nós, nós somos a Igreja”.

Solidariedade com a Província em sua internacionalidade (nove nacionalidades) e num esforço comum de inculturação recíproca.

Solidariedade em nível da comunidade local em resposta ao sofrimento dos pobres e diante da impossibilidade de remediá-lo.

5. Irmã Heliodora Strobl (Província de Áustria /Graz), missionária no hospital São Georges de Istambul, depois de uma breve descrição da história do hospital, destacou a solidariedade vivida, em primeiro lugar em nível comunitário, no momento de decidir a reconstrução do hospital para preservar a presença católica numa terra que foi outrora o berço do cristianismo e que na atualidade é quase totalmente islamita. Evocou a dificuldade na hora das opções e a importância da preparação prévia.

Relatou a paciência necessária para obter as permissões legais na Turquia, além da busca laboriosa de financiamentos, para fazer funcionar a solidariedade financeira entre a Áustria e a Turquia.

6. Irmã Rosalie Jeng, originária da Província Chinesa, apresentou-nos um pequeno hospital administrado pelas Irmãs no sul da ilha de Taiwan. Insistiu sobre a solidariedade necessária para a sobrevivência do hospital:

- aceitação comum de seguir o governo em sua política de vacinação, apesar de ser um aumento de trabalho mal remunerado.
- assumir o cargo da formação das enfermeiras do serviço público nos povoados.

Para aceitar as mudanças, as evoluções necessárias na gestão, a comunidade necessita estar muito unida. É necessário também estar de acordo sobre as respostas a dar ante os sérios problemas como: que fazer com as enfermeiras sem diploma quando os regulamentos do Estado são cada vez mais exigentes?

Conclusão

Agradeço os relatórios dos grupos muito precisos e concretos que agora vão inspirar a conclusão deste dia sobre as solidariedades missionárias. Observo com prazer a sinceridade em destacar e denunciar certos desvios individualistas que ainda possam existir. Cito por exemplo a falta de partilha, por uma Irmã missionária, dos recursos recebidos por ocasião de um período de permanência na Província de origem, ou a busca pessoal de créditos das diferentes ONGs sem que haja uma gestão comunitária, tanto em nível local como Provincial.

A preocupação para que exista um equilíbrio financeiro em suas Províncias é digna de nota. É um objetivo a ser alcançado em curto ou longo prazo, segundo os casos e sobre isso, devem refletir juntas no contexto de sua Província, a fim de buscar a melhor maneira de alcançá-lo: formação profissional das Irmãs, criação de pequenas hortas, contratos com a diocese, indenizações pelos serviços prestados na paróquia, etc. Lembro-lhes também que o Conselho Geral, em união com seus Conselhos Provinciais quer ajudá-las sempre que for necessário, através da ajuda inter-Provincial.

Por várias vezes vocês ressaltaram a transparência nas contas e isto me alegra, pois esta clareza na gestão é um testemunho do qual nosso mundo, cansado de escândalos e de suspeitas, necessita. Esta retidão se vive também em nosso “prestar conta comunitariamente”.

Os problemas com relação aos planos de saúde e a aposentadoria que vocês também mencionaram são mais técnicos e bem necessitam de um estudo local. Saibam igualmente que são seguidos com atenção a nível geral.

Um dos temas importantes desta sessão missionária é o da evolução, fruto da abertura ao Espírito Santo, ocorrida nestes últimos quarenta anos, e que permitiu, entre outras coisas, pôr em prática as atitudes de solidariedade e modificar a maneira como vivemos e trabalhamos com e para os pobres. Confio que nossas solidariedades missionárias vão ainda se aprofundar sob a ação do Espírito Santo. Confio!

Irmã Évelyne FRANC

Sessão missionária internacional
Setembro de 2002

A vida comunitária diante de alguns desafios de hoje

(1ª parte)

21 de setembro de 2002
Irmã Julma Neo,
Conselheira Geral

Introdução

Estou muito contente esta manhã, por estar com vocês. Para mim é uma alegria e um privilégio poder partilhar com vocês estas reflexões sobre “*Alguns desafios lançados à vida Comunitária hoje*”. O que tratarei agora não é bem uma conferência completa, mas simplesmente uma partilha de reflexões. Como disponho de pouco tempo, escolhi apenas um ou dois pontos da vida comunitária. Espero que os outros aspectos possam ser tratados na partilha desta tarde.

ALGUMAS REALIDADES EM NOSSO CONTEXTO

Quando olho de perto as missões onde vocês se encontram, fico encantada com alguns traços que têm em comum.

Quase todas se encontram em países cujas populações são jovens. Segundo o relatório da ONU, no ano 2000 havia no mundo mais de um milhão de jovens de 15 a 24 anos. Deste número, 61,5% são da Ásia, 15,1% da África e 9,5% da América Latina. As ilhas Fidji e os países da

Europa do Leste onde vocês trabalham têm também uma porcentagem muito alta de jovens com relação à população.

Uma grande diversidade de culturas, de grupos étnicos e de religiões caracteriza seus países. Muitas de vocês vivem no meio de grande número de muçulmanos, budistas, hindus, judeus, cristãos ortodoxos, protestantes e discípulos de religiões tradicionais.

Embora esta diversidade de culturas e religiões tenha existido desde séculos -como ouvimos estes dias-, no entanto hoje, há duas coisas novas com relação a esta realidade. Antes de tudo, há uma mudança na consciência do povo, a este respeito. Culturas e religiões que se calaram durante séculos, pedem agora reconhecimento e participação. Esta mudança introduziu novas dimensões na maneira de estar em relação, tanto do povo do lugar com os estrangeiros como dos discípulos das diferentes religiões entre si. Estas novas dimensões não foram suficientemente tratadas e assim, às vezes, têm ocorrido conflitos¹.

Em segundo lugar, esta diversidade de culturas e de religiões tornou-se um fenômeno mundial devido à emigração internacional sempre crescente e a uma onda contínua de refugiados e de turistas. Atualmente budistas muçulmanos e hindus se encontram em regiões tradicionalmente cristãs e muitos cristãos trabalham em regiões essencialmente muçulmanas ou budistas. Os números oferecidos pela UNESCO revelam que atualmente há somente uns 10 a 15% aproximadamente de países no mundo que podem pretender ter uma homogeneidade étnica entre sua população². As tendências demográficas mundiais mostram que este pluralismo de culturas e de religiões continuará no futuro devido a uma população mais numerosa nos países muçulmanos e na Ásia.

Embora estejamos mais conscientes de que a diversidade é uma mudança social que escapa a nosso controle, nem sempre aprendemos como tratá-la de maneira satisfatória. Em certo sentido, apenas começamos a perceber as conseqüências complexas - positivas e negativas- desta diversidade.

Mudanças rápidas estão transformando a vida de milhões de pessoas, sobretudo das que vivem nas cidades. A tecnologia e a modernização levam estas mudanças para as cidades isoladas. Diz-se que a tecnologia introduz uma nova categoria que hoje divide o mundo

¹ Segundo um Colóquio organizado pela UNESCO e o Secretariado da Commonwealth, ocorrido na sede da UNESCO (Paris) de 28 a 30 de janeiro de 1999, 79 dos 82 conflitos ocorridos no mundo entre 1989 e 1992 se haviam produzido entre os estados e ligados às diferenças étnicas, religiosas e culturais.

² "Multiculturalismo: New Policy Response to Diversity" de Christine Inglis, um artigo apresentado por ocasião da "1995 Global Diversity Conference", 26-28 abril 1995, Sydney, Austrália.

em rápido e lento. Às vezes o resultado é um contraste assombroso entre a modernidade e a antiguidade, entre o novo e o antigo.

Para recapitular, podemos dizer que a maioria de nós vive em contextos onde responder aos desafios de uma população em geral jovem, do multiculturalismo, do pluralismo religioso e das rápidas mudanças sociais, torna-se a tarefa essencial hoje e para as próximas décadas.

Por conseguinte, a diversidade se tornou o desafio principal para o povo de hoje. Na Internet, encontram-se milhares de sítios sobre o tema da diversidade cultural e do pluralismo religioso. Recentemente, num encontro de religiosos e religiosas em Roma, a diversidade e o pluralismo foram citados como os principais desafios para nossa Igreja missionária e para os Institutos religiosos deste milênio³.

EFEITOS DESTAS REALIDADES EM NOSSAS COMUNIDADES

Certamente estas realidades afetam também nossa maneira de viver a comunidade e de prosseguir nossa missão. A inculturação e a fidelidade dinâmica ao carisma requerem que os levemos a sério.

Várias de suas Províncias são jovens e um bom número tem muitas Irmãs jovens. A juventude traz riqueza, mas também limitações. Em geral, as Irmãs jovens são abertas, criativas e dinâmicas mesmo se muitas vezes lhes falta experiência e estabilidade. Quer percebamos ou não, representam para nós a mudança, a novidade e a diferença. Por isso falamos do fosso entre as gerações. Em certos casos, considerando a velocidade da mudança ocorrida no mundo, este fosso pode ocorrer não somente entre as Irmãs antigas e as jovens, mas também entre as próprias jovens. Fiquei surpresa, certo dia ao ouvir de uma Irmã de uns trinta anos, falando de outras mais jovens que ela: *“Às vezes, é muito difícil compreender essas irmãs jovens.”*

A tecnologia e as mudanças rápidas causadas pela modernização afetam um bom número de nossas comunidades. Isto resultou em novas e diversificadas formas de pensar e de fazer as coisas. Em alguns casos, o acesso à tecnologia ampliou bastante o fosso entre as gerações. E mais, a consciência de uma identidade cultural e uma sensibilidade à diversidade cultural sempre crescente na sociedade penetraram na comunidade. Isto tem também conseqüências nas relações entre Irmãs, sobretudo nas comunidades multiculturais.

A diversidade na comunidade por causa das diferenças de personalidade, culturas, gerações e formação é difícil de administrar.

³ “Toward the Missionary Church of 2025: the Past and the Future” de Robert Schreiter, CPPS, Ariccia Seminar, organizado pelo SEDOS, Roma, 14-18 maio de 2002.

Especialmente porque somos herdeiras de uma tradição na Igreja, e a vida religiosa há séculos valorizava bastante a uniformidade. Hoje, mesmo se abraçamos abertamente a diversidade, poderíamos encontrar-nos retornando algumas vezes, ao caminho da uniformidade. Isto é compreensível já que passamos por períodos de transição. Mas devemos estar convencidas de que insistir sem discernimento na uniformidade, considerando as realidades de hoje, só pode causar mais conflitos, como temos visto no caso dos fundamentalistas, na sociedade e na Igreja.

RESPOSTA AO DESAFIO POSTO PELA DIVERSIDADE E PELA VIDA COMUNITÁRIA

Em face destas realidades, temos necessidade de nos interpelar: *Como viver a vida comunitária hoje como uma dimensão essencial de nossa vocação, de modo a responder a este desafio da diversidade e do pluralismo e, ao mesmo tempo, ao pedido de fidelidade ao carisma?*

Há várias respostas, mas gostaria de sugerir três:

1. Promover um verdadeiro sentido da unidade na diversidade

Nossas Constituições nos animam a promover a unidade na diversidade⁴. A unidade na diversidade supõe pontos de referência em comum, valores e sentido partilhados, mesmo se algumas vezes são expressos de modo diferente. Segundo João Paulo II: *“A unidade na Igreja não é uniformidade, mas integração orgânica das legítimas diversidades”*⁵.

Promover a unidade entre diferentes exige a capacidade de distinguir entre o essencial e suas expressões, assim como entre os valores essenciais e os meios para alcançá-los. Isto implica a flexibilidade e a harmonia dos diversos elementos e requer a capacidade de guardar uma tensão criativa entre o universal e o local, entre o grupo e o indivíduo. Diferentes situações podem exigir que se acentue um lado ou outro da balança em tempos diferentes. Portanto, há uma necessidade contínua de diálogo, de busca de consenso e de discernimento na comunidade.

A unidade na diversidade bem compreendida supera duas sérias ameaças para a verdadeira vida comunitária: o individualismo e o conformismo.

2. Desenvolver os valores essenciais da unidade na diversidade

⁴ C. 3. 24.

⁵ *Novo Millennio Ineunte*, 46

Há diversos valores, mas gostaria escolher cinco em particular.

a) A comunhão

Todos os recentes Sínodos Continentais dos Bispos falaram da necessidade de construir a Igreja como uma comunhão⁶. É neste contexto eclesial que as pessoas consagradas são chamadas a ser “peritas em comunhão”⁷.

A comunhão (“a unidade de coração e de espírito”) é a base da verdadeira comunidade e de sua unidade⁸. Isto implica antes de tudo a comunhão com Deus que se torna em seguida o fundamento da comunhão de uns com os outros.

O número de vezes que São Vicente falou em suas conferências sobre a união e a harmonia, nos dá uma idéia da importância que ele dá à comunhão. Para São Vicente, a comunhão é tão importante que sem ela, a Companhia não poderia subsistir. No início de sua conferência de 26 de abril de 1643 (sobre a união que deve existir entre as Irmãs) falou: “*Minhas Filhas, o assunto que tratamos hoje é de grande importância, pois visa nada menos que a continuidade ou a inteira dissolução de vossa Companhia*”. Santa Luisa, que compreendeu perfeitamente o que quer dizer viver numa comunidade, exortou suas Filhas em seu testamento espiritual: “...e sobretudo vivei juntas numa grande união e cordialidade, amando-vos umas às outras, para imitar a união e a vida de Nosso Senhor”⁹.

A comunhão entre as Irmãs não é somente um apoio para a missão, mas ela própria converte-se em missão¹⁰. Isto deve ser uma grande fonte de consolo para qualquer Filha da Caridade que se torna inativa devido a um acidente, doença ou velhice, mas que permanece em comunhão com suas Irmãs na comunidade. Mesmo nessas condições, continua sendo missionária.

b) O respeito à diferença

É um valor novo que mesmo as instituições seculares se esforçam por desenvolver, considerando a sociedade pluralista de hoje. O respeito

⁶ Ver a Segunda Assembléia Especial para Europa, *Instrumentum Laboris*, 33-34. Assembléia Especial para Oceania, *Instrumentum Laboris*, 51-52. Assembléia Especial para América, *Instrumentum Laboris*, 29-49. Assembléia Especial para Ásia, *Instrumentum Laboris*, 34-39 a. Ver também as Exortações Apostólicas, *Ecclesia in Ásia*, *Ecclesia in África*, *Ecclesia in América*, *Ecclesia in Oceania*.

⁷ *Vita Consecrata*, 46.

⁸ *Ibid*, 42.

⁹ “Testamento Espiritual”. E. 112, p. 955.

¹⁰ *Vita Consecrata*, 46.

às diferenças legítimas supõe o reconhecimento da grandeza do poder criador de Deus. Deus criou cada pessoa, cada cultura e cada raça diferente, cada uma com seus dons e sua beleza: *“Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom”* (Gn. 1, 31). A diversidade e a diferença não são falta de perfeição, porque Deus as criou. Nossas Constituições vêem-nas como “um enriquecimento recíproco”¹¹.

O respeito às diferenças legítimas revela que não tomamos constantemente nós mesmos ou nossas culturas como parâmetro para avaliar os méritos dos outros. Para nós são os valores do Evangelho e do carisma vicentino que constituem essa norma. Isto requer uma consciência clara do essencial do carisma e de suas expressões em nossas culturas respectivas para não impô-las às outras culturas. O respeito à diferença é uma expressão contemporânea da humildade.

c) A estima

A estima está baseada no respeito e na afeição¹². Isto se desenvolve a partir da igualdade fundamental que existe entre nós, independente da nossa cultura, da idade ou de nossa formação na comunidade. A estima é um olhar positivo que nos leva a ver o bem nas pessoas e nos povos, a interpretar favoravelmente suas ações e não nos concentrar em suas falhas ou em seus traços negativos. A verdadeira estima é o antídoto perfeito do preconceito e da tendência à dominação nas relações.

A estima nos ajuda a escutar sem julgar as idéias que são diferentes das nossas e a reconhecer que a verdade, a beleza e a bondade existem fora de nós e do mundo que conhecemos e que há formas muito melhores de fazer as coisas do que as que conhecemos. A apreciação e a aceitação recíprocas, expressões de humildade e de caridade, são impossíveis sem a estima. São Vicente em sua Conferência do 19 de agosto de 1646, expõe idéias muito práticas e muito profundas sobre este valor.

d) A reciprocidade

A reciprocidade é construída sobre o respeito da diferença, sobre a estima e sobre a verdade que *“não há nenhuma pessoa, cultura ou raça tão pobre que nada tenha o que dar aos outros, e não há nenhuma pessoa tão rica que nada tenha para receber dos outros”*. A reciprocidade hoje implica uma mudança em nossa forma de olhar a nós mesmos e aos outros. Significa algo “novo” no ato de dar e de receber. Para aquelas entre nós que estamos habituadas a dar, a reciprocidade quer dizer permitir que os outros nos dêem também. Para aquelas que estão mais habituadas a receber, a reciprocidade significa também aprender a dar. A reciprocidade nos leva, pois, a partilhar nossos bens

¹¹ C. 2. 17.

¹² Ibid.

personais e culturais com uns e outros e a receber também dos outros a fim de construir a comunidade e a missão¹³.

e) O perdão e a reconciliação

Nossa condição humana de pecadores será sempre um obstáculo no caminho da comunhão e sempre teremos necessidade de suportar-nos mutuamente em nossas limitações pessoais e culturais, de perdoar e de ser perdoados, de reconciliar e de ser reconciliados¹⁴. São Vicente estava tão convencido da necessidade da tolerância que não hesitou em dizer: *“Se a metade de vós tivesse o hábito de não poder suportar os defeitos das outras, e não estivesse na disposição de se corrigir, eu seria de opinião que essa metade se retirasse para não prejudicar o resto da Companhia”* (Conferência do 22 de outubro de 1646). Recordemos quantas vezes insistiu em suas Conferências sobre a necessidade da reconciliação e do perdão (cf. Conferência de 4 de março de 1658).

O perdão é sempre uma graça, mesmo se tentamos criar as condições humanas para facilitá-lo. É por isso que os meios espirituais que a comunidade põe à nossa disposição, a Eucaristia, a revisão comunitária, o sacramento da reconciliação são indispensáveis.

3. Inculturar o carisma na vida comunitária

Esta inculturação implica viver profundamente os valores de nosso carisma, sobretudo os que estão diretamente vinculados à vida comunitária, tentando expressá-los segundo os diversos contextos culturais. Inculturar o carisma quer dizer assumir esses elementos culturais que podem enriquecer a vida comunitária, modificando ou rejeitando os que são incompatíveis com o carisma. Por serem fortemente comunitárias, muitas culturas nestes países de missão Ad Gentes têm muito a oferecer neste sentido, por exemplo os valores da acolhida, de harmonia, de comunidade, de celebração, de partilha e de propriedade comum.

ALGUNS MEIOS PARA RESPONDER A ESTES DESAFIOS

Como podemos aprofundar entre nós a unidade na diversidade e os valores ligados a isso? Das muitas maneiras que possamos imaginar, gostaria de sugerir duas:

1. Uma formação em diversos níveis que nos ajude a:

a) Tomar consciência dos obstáculos à comunhão que encontramos em nós mesmas, por exemplo, o preconceito (racial,

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

cultural, religioso), uma mentalidade fechada, um complexo de superioridade ou de inferioridade, atitudes psicológicas (medo, insegurança) e a falta de vontade de perdoar.

O preconceito geralmente é destrutivo porque muitas vezes não é reconhecido, embora a maioria de nós tenha preconceitos em diversos graus. O preconceito se revela por gestos, palavras, ações e influencia imperceptivelmente as decisões que tomamos. O próprio Jesus foi vítima de preconceitos (cf. Jo. 1, 43-47), mas não se deixou influenciar por eles.

b) Desenvolver continuamente os valores essenciais à unidade na diversidade como a aceitação das diferenças, a estima, etc. e a capacidade de escuta, de diálogo, de busca de consenso e de discernimento.

O desejo de diálogo, o discernimento, etc., muitas vezes são reais, mas, em certas ocasiões, não temos as atitudes e as técnicas necessárias para sua eficácia. Dialogar, discernir e tentar encontrar o consenso sem as atitudes e as técnicas necessárias pode produzir eventualmente nas Irmãs, um sentimento de desânimo e de inutilidade. Portanto é imprescindível uma formação neste sentido.

c) Basear-nos solidamente sobre uma *“espiritualidade de comunhão”*¹⁵. São Vicente freqüentemente falou da Santíssima Trindade como modelo da união que deve existir na comunidade (cf. Conselho do 19 de junho de 1647). A contemplação constante da Santíssima Trindade nos dará uma compreensão profunda do que significa *“criados à imagem e semelhança de Deus”*. Deus é um Deus Trinitário. Uma parte de sua identidade é a unidade na diversidade - três Pessoas diferentes partilhando a mesma divindade. Uma comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito, cada vez mais profunda dar-nos-á um *“coração novo”* e um *“espírito novo”*, com os quais seremos *“capazes de harmonizar todas as diferenças”*¹⁶. Quando experimentamos esta comunhão nas diferenças, já estamos experimentando qualquer coisa de Pentecostes.

2 – A revisão das práticas e das estruturas que existem em nossas comunidades, para ver se elas promovem a autêntica unidade na diversidade, ou criar algumas para substituí-las, se necessário. Os valores essenciais da unidade na diversidade só poderão desenvolver-se quando estiverem apoiados pelas estruturas correspondentes.

Conclusão

Permitam-me terminar esta partilha com uma breve história:

¹⁵ *Vita Consecrata*, 46.

¹⁶ *Vita Consecrata*, 51.

Uma menina de cor olhava para um homem que vendia balões. O homem soltou um balão vermelho que subia muito alto. Depois soltou um balão azul, logo outro amarelo e depois um balão branco. Todos subiram no ar até desaparecer.

A menina ficou muito tempo observando um balão negro, depois perguntou ao homem: “Senhor, se você soltar este balão negro ele subirá tão alto quanto os outros?”

O homem fez um bom sorriso para a menina. Cortou a linha que prendia o balão e tendo-o elevado para o alto, disse: “Não é a cor, minha querida... É o que está dentro que faz o balão subir!”

Por baixo de nossas diferentes cores há, no interior de cada Filha da Caridade, a mesma humanidade, a mesma fé, a mesma vocação vicentina. O que existe em nosso interior, isto é, o que somos, e não primeiramente o que fazemos, é o que faz “subir” nossas comunidades.

Edifiquemo-nos continuamente sobre o essencial que é nossa identidade comum, assim poderemos juntas ajudar nossas comunidades a “subir” para a missão, tornando-nos os “sinais proféticos” que o mundo exige de nós.

Irmã Julma NEO
Conselheira Geral

Sessão missionária internacional
Setembro de 2002

O testemunho profético das comunidades multiculturais hoje

(2ª parte)

Após ter escutado esta tarde os diversos relatórios dos grupos, gostaria de terminar esta partilha com as seguintes reflexões:

1. Precisamos ter uma sólida compreensão teológica da comunidade e convicções firmes em tudo que a ela se refere.

Uma comunidade religiosa tem suas raízes no projeto de Deus, para a humanidade e para a Igreja. Deus quer que todos os homens e todas as mulheres vivam em comunhão com Ele e em comunhão com os outros¹⁷. Em suma, que a humanidade inteira esteja unida. A Igreja deve ser o sinal visível desta comunhão vertical e horizontal. Vivendo em comunidade, os religiosos participam na realização deste projeto.

Por conseguinte, a vida comunitária é um elemento essencial da vida consagrada, embora as formas possam ser muito variadas. Isto ainda necessita ser reafirmado, porque, insistindo sobre “comunidade como sustentáculo para a missão”, corremos o risco de reduzir esta Comunidade a um elemento indispensável a serviço dos Pobres. Se a orientação para a missão é essencial, não é, entretanto, o único valor da Comunidade. O ativismo, que tem tantas causas, por vezes pode ser errôneo, compreendido pela comunidade como o único aspecto de sua razão de ser.

2. Comunidade e missão estão estreitamente ligadas e não devem ser separadas

Missão não significa “no exterior” e Comunidade “no interior”. A dicotomia entre missão e comunidade pode ter ao mesmo tempo conseqüências negativas para a comunidade e para a missão. O progresso no mundo afeta a Igreja e sua missão, e as duas têm alternativamente repercussões sobre a vida em Comunidade.

Vamos agora retomar alguns temas repetidos freqüentemente durante a primeira semana: sociedade multicultural, pluralismo religioso, secularismo, movimentos de emancipação política e social, especialmente nas antigas colônias, diálogo, comunhão, catolicidade da

¹⁷ Lumen Gentium # 1-5

Igreja, inculturação, solidariedade, liberação e opção preferencial pelos Pobres. Vejamos o impacto que tudo isto tem em nossas Comunidades, em nossas relações e expressões da vida comunitária.

Tomarei dois exemplos: inculturação e diálogo.

Inculturação: em primeiro lugar é um trabalho da população. Pede-se aos missionários que facilitem este processo. Uma contribuição insubstituível dos missionários para a inculturação é o que poderíamos chamar “uma compreensão crítica” da cultura. Como estrangeiros nesta cultura, os missionários podem reler os elementos muitas vezes vividos inconscientemente pela população. Assim, ao mesmo tempo são capazes de ver os valores e contra-valores desta cultura. Esta “compreensão crítica” da cultura será uma ajuda mínima, a não ser que venha acompanhada de uma estima autêntica baseada no amor e no respeito. A crítica sem amor pode destruir, mas a crítica que nasce do amor, constrói a população. A estima implica um amor sensível, um amor respeitoso que não se impõe, mesmo se estamos convencidos da verdade ou do bem que oferecemos. O amor sem a sensibilidade e o respeito pode ser paternalista e condescendente. Dar sem amor pode ser humilhante e degradante para aquele que recebe.

Este processo de inculturação, esta “compreensão crítica” da população local e de sua cultura, a estima, o respeito e o amor que esta atitude requer, devem começar nas Comunidades locais e transformar as relações entre as Irmãs. A inculturação não pode limitar-se à missão.

Os responsáveis, da Igreja e do mundo, escolheram o diálogo como caminho para o futuro de nosso mundo marcado pela diversidade cultural, o pluralismo religioso e as divisões criadas pela pobreza e a violência. Mas o diálogo supõe o respeito pela diferença e a reciprocidade. A maioria das pessoas considera este diálogo difícil ou ao menos não se sente à vontade com a diferença. Não estamos acostumados a tratar abertamente a diferença, mesmo convivendo cada dia com ela. A diferença pode ser uma ameaça, pois abrir-nos ao diferente, pode exigir uma mudança e mudar é sempre difícil, em qualquer idade.

O documento Inter-Assembléias “Um fogo Novo”¹⁸ identifica a hospitalidade como uma “semente do Verbo” que necessita ser assumida para inculturar o carisma. A hospitalidade não é simplesmente a acolhida dos convidados em nossa Comunidade. A hospitalidade significa também acolher nossas Irmãs, as pessoas estranhas, em nosso coração e em nossa vida, os estrangeiros diferentes de nós por sua cultura, sua etnia, sua religião, sua idade, sua formação. Isto pede que aumentemos não só nossas “tendas” mas, sobretudo, nossos “corações”.

¹⁸ Um Fogo Novo 1, 2 a.

A reciprocidade é essencial para todo diálogo. Às vezes implica falar e escutar, dar e receber. Enquanto a estima nos leva a apreciar os dons das outras pessoas e de sua cultura, a reciprocidade nos faz capazes de receber os dons dos outros e de partilhar gratuitamente os nossos. Uma contribuição muito importante dos missionários para a construção da Igreja local, das Comunidades locais, é agir de forma que a população local seja consciente de seus dons. Isto pode ser muito difícil e exigir muito amor e paciência. Por vezes, as longas histórias de opressão cegaram os povos quanto a seus próprios talentos.

O diálogo, o respeito da diferença e a reciprocidade que isto requer são uma parte essencial para a missão hoje. Mas será muito difícil viver o diálogo inter-religioso ou ecumênico se não aprendemos a dialogar em nossas Comunidades.

3. A Comunidade é o fruto da colaboração divina e humana

Porque os laços criados na Comunidade são espirituais, isto é, uma fé comum, uma vocação comum, um carisma comum, a vida comunitária é “um dom antes de ser uma construção humana”. A Comunidade é um “mistério” decorrente do Mistério da Trindade e do Mistério da Cruz. A contemplação constante de Cristo “Servo” pode abrir horizontes ilimitados para nos ajudar a compreender o “poder dos que não têm poder” e a “grandeza de ser pequeno”. O espírito de serva que é indispensável, tanto para a vida comunitária como para o serviço dos pobres, tem sentido só na Fé. Numa análise final, as alegrias de viver em Comunidade são reservadas àqueles que são capazes de ver na Fé, além das “aparências”.

Nesta mesma linha, gostaria de sublinhar a importância da oração pessoal e comunitária e de partilha da fé em Comunidade. Se não chegamos a partilhar nossas experiências de Deus, nossas experiências de Fé, as experiências de nosso carisma, a unidade na Comunidade será frágil e superficial. Todas nós temos experimentado a força procedente dos testemunhos de fé de nossas Irmãs em Comunidade. É uma pena que encontremos tempo para partilhar sobre tantos outros assuntos, especialmente sobre nossas atividades, mas somos incapazes de encontrar o momento oportuno para uma partilha em profundidade de nossas experiências vitais. No entanto, o clima e a disponibilidade para isso devem ser inventados cada dia.

A comunhão, que é o fundamento da Comunidade, não pode ser construída sem um conhecimento profundo de Deus e de nossas Irmãs, sem dedicar tempo necessário para as partilhas interpessoais e comunitárias, sem dedicar tempo à oração e à contemplação. Na ausência desta comunicação vertical e horizontal, podemos viver vidas paralelas em Comunidade e pagar o preço da solidão e do isolamento.

4. A vida em comum nas Comunidades internacionais é uma contribuição indispensável a oferecer à Igreja e ao mundo através de um testemunho profético.

Hoje, o testemunho individual continua sendo uma necessidade, mas não é suficiente. Vivemos num mundo de relações globais e transnacionais. Um tal mundo necessita do testemunho de comunidades para a credibilidade da Boa Nova e do carisma que proclamamos.

Pessoalmente, creio que, dadas as características do mundo de hoje, as Comunidades internacionais têm uma contribuição especial a dar, sabendo que a internacionalidade não é compreendida simplesmente no sentido geográfico. Num mundo pluralista e dividido, uma Comunidade de Irmãs de diferentes culturas, raças, grupos étnicos, idade e formação, é um testemunho eloqüente do poder do Evangelho que pode transformar nossa humanidade tão frágil e tornar possível o que, humanamente falando, é impossível. Quando Irmãs cujas nações estão separadas pela política, pela história, pela economia vivem uma autêntica unidade, elas anunciam a realidade escatológica dos “novos céus e nova terra”¹⁹.

Num mundo intolerante, em nível das diferenças culturais e religiosas, onde as perseguições religiosas e os genocídios são contínuos, uma comunidade internacional que vive o respeito à diferença é profética. Num mundo onde reina uma grande desigualdade, uma comunidade internacional que vive a estima mútua é profética. Num mundo onde dar se converteu num instrumento de controle e de domínio, uma comunidade internacional que favorece a reciprocidade é profética. Num mundo prisioneiro da vingança e envolto numa espiral de violência, uma comunidade internacional que vive o perdão e a reconciliação é profética.

O testemunho profético que as Comunidades internacionais podem dar será o fruto de uma “experiência de êxodo”, um caminho para a liberação e um contínuo apelo à conversão.

Há pouco tempo, falava com um missionário que havia estado na Ásia durante vários anos. Descreveu a experiência de êxodo nesses termos: “ Foi uma experiência dolorosa, mas feliz de transformação dum colonizador em missionário. Quando cheguei a este país, há vários anos, vinha com um sentimento de superioridade, convencido de que meu dever era partilhar com o povo muitas coisas boas que trazia do meu país. Depois de alguns anos na missão, comecei a perceber que recebia daqueles para os quais havia sido enviado muito mais do que lhes dava. Tomando consciência disso, percebi que progressivamente ia tornando-me o que queria ser no início, um missionário”.

¹⁹ 2 Pedro 3, 13.

Tal experiência de êxodo implica, sem nenhuma dúvida, “deixar para trás” a segurança, a tendência a absolutizar sua própria formação, sua cultura, suas teologias e espiritualidades a fim de abrir-se a horizontes mais amplos e se deixar guiar por Deus que nos chamou. Como vocês continuam sua caminhada missionária, peço ao Senhor que as chamou que, ali onde vocês estão, continuem a ser como “uma nuvem durante o dia” e “um fogo durante a noite”.

Irmã Julma Neo,
Conselheira Geral

Sessão missionária internacional
Setembro de 2002

Conclusão

Paris, 26 de setembro de 2002
Mère Juana Elizondo,
Superiora Geral

Minhas queridas Irmãs

Primeiro quero manifestar-lhes minha alegria por sua presença aqui na Casa Mãe durante quase um mês. Vocês nos permitiram viver numa atmosfera missionária. Muito obrigada por sua atenta e intensa participação em todas as atividades do programa. Vocês souberam unir seriedade e alegria, utilizando-as nos momentos oportunos.

Chegamos ao "dia seguinte", que será formado de numerosos dias marcados pelo impacto do que escutaram, partilharam, refletiram e rezaram durante estas semanas.

O documento final lhes dá algumas linhas de ação. Gostaria de lembrar alguns aspectos que, embora tendo sido tratados na Sessão, permitem-nos intensificar ainda mais nossa reflexão. Fa-lo-ei seguindo o plano do testamento de Santa Luisa.

1. **Amem muito os pobres**, o Senhor espera seu serviço neles.

Somos as servas de Cristo nos Pobres. Não falamos muito sobre o nosso caráter de **servas**, um dos aspectos mais importantes de nossa identidade. Não se pode abarcar tudo em tão pouco tempo, mas em síntese, nosso serviço dos Pobres, nossos Senhores e Mestres, realizado como autênticas **servas** humildes, simples e cheias de amor está subjacente em tudo que fazemos e dizemos.

O importante não é somente que sejamos dedicadas ao serviço dos pobres, mas como prestamos este serviço.

Falamos muito sobre **diálogo** com os diversos grupos: diálogo inter-religioso, ecumênico, diálogo em comunidade. No entanto, é sempre útil determo-nos um pouco mais neste **diálogo** com as pessoas a quem servimos. Um diálogo que supõe a **escuta** atenta (daí a importância do conhecimento da língua ou das línguas). A escuta nos inspira a resposta adequada em cada caso. Esta resposta pode ser dada por palavras, gestos, um olhar, tudo que nos ajude a ser interlocutores e estabeleça a comunicação, tudo que interrompa a solidão e dê às pessoas a certeza de que não estão sós.

O diálogo deve ser acompanhado de um grande **respeito**, expressão da atenção que toda pessoa merece. O fato de dispor dos meios para ajudá-los não nos deve situar num pedestal, considerando-nos superiores a eles e tratando-os como inferiores. Não os humilhemos situando-nos num nível mais elevado. Não se concebe a serva sem uma grande **humildade**.

A **simplicidade** nos ajuda a permanecer junto aos pobres, a ser autênticas e transparentes. São Vicente dizia que a simplicidade era seu Evangelho e deve ser também o nosso. Tentemos evitar toda barreira entre os pobres e nós, tudo que nos afaste deles: estilo de vida, edifícios, linguagem, atitudes mais ou menos arrogantes. Em princípio, ninguém é superior a ninguém. Que nossas melhores amizades estejam entre os pobres.

Tudo isso é muito poético em teoria, mas não tanto na vida prática. Vocês o sabem melhor do que ninguém. Devemos pedir cada dia ao Senhor, que nos conceda o espírito de Fé para vê-lo nos pobres e crer

em sua palavra: "O que fizestes ao menor dos meus foi a mim que o fizestes"¹. Conhecemos Irmãs que vivem isto de um modo visível e extraordinário, por carisma especial, e todas devemos tender a isto, embora com esforço.

2. O amor e a união entre nós

"*Sobretudo vivei juntas em grande união e cordialidade*" nos disse Santa Luísa. Falou-se muito sobre isso durante a sessão e mesmo durante todo um dia. Cada uma conhece o terreno em que se encontra e tirou as conseqüências necessárias para melhor aí se situar, a fim de se tornar, cada dia, contra ventos e marés, construtoras da comunidade. Em princípio, gostaria de dizer somente que é preciso libertar-se de certos inimigos que ameaçam fortemente a comunidade: Permitam-me citar três: Idealizá-la excessivamente, o individualismo e a crítica destrutiva.

Idealizar excessivamente a comunidade

Devemos ter uma idéia realista da comunidade. A comunidade é formada de seres imperfeitos. Se não consideramos isso, cedo ou mais tarde, diante dos momentos difíceis, poderemos sentir uma grande decepção que poderia mesmo colocar em questão nossa pertença à Companhia. Uma das causas mais citadas pelas Irmãs que abandonam a Companhia é este mal-estar que experimentam.

Para nos ajudar a sair de nosso irrealismo e de nossa decepção, poderíamos contemplar a comunidade dos apóstolos junto com Cristo, onde, apesar do contato constante com Ele, não faltaram dificuldades.

Não esqueçamos também as dificuldades que nossas primeiras Irmãs encontraram em sua vida cotidiana e que não foram obstáculo em seu caminho de santidade.

Lembremos o que Dietrich Bonhoeffer diz sobre as comunidades cristãs e que podemos aplicar a nossas comunidades:

"Perdemos a conta das comunidades... que fracassaram por terem vivido uma imagem quimérica da comunidade. É normal que o cristão ao entrar numa comunidade, tenha um ideal daquilo que esta deve ser e tente alcançá-lo... Mas é uma graça de Deus que este tipo de sonho desapareça. Para que Deus nos revele a comunidade autêntica, precisamos mesmo ser decepcionados, decepcionados com os outros, decepcionados conosco... Por sua graça, ele não permite que vivamos... na comunidade dos nossos sonhos... Ele é o Deus da realidade. Por isso, só a comunidade que não teme a decepção que inevitavelmente experimentará ao tomar consciência de todas as suas taras, poderá começar a ser aquilo que Deus quer dela... É melhor para a comunidade

¹ cf. Mt 25, 40.

e para cada um de seus membros que esta decepção ocorra o mais rápido possível. Querer a todo preço evitar a decepção e pretender apegar-se a uma imagem quimérica da comunidade, destinada de qualquer maneira a desaparecer, é construir na areia e se condenar, mais cedo ou mais, tarde a desmoronar”².

O individualismo

É o inimigo número um da comunidade, o destruidor mais eficaz e poderoso. A pessoa individualista incapaz de conviver com os outros arrasa a comunidade.

Há pessoas que têm uma certa incapacidade de se integrar e de fazer os esforços necessários para a construção do grupo. Esta inaptidão é uma das características que é preciso descobrir nas etapas de discernimento previstas para a admissão das candidatas. Sua entrada na comunidade não será favorável nem para a Companhia nem para a candidata. Ela não será feliz e fará as outras infelizes.

A melhor maneira de garantir a coesão na comunidade é utilizar os meios assinalados por nossas Constituições: **o Projeto Comunitário** (C. 3.46 e E. 57) que, "*abrange todas as modalidades concretas da vida comunitária*" e que elaborado e vivido como as Constituições no-lo dizem; torna-se um verdadeiro "*apoio da vida fraterna*".

A crítica

Uma conseqüência lógica da intolerância é a crítica destrutiva. É preciso fazer o possível para evitá-la. São Vicente dizia falando sobre ela:

“É uma peste que infecta tudo. Basta uma que murmure e uma que escute para perder tudo. É a mãe da divisão”³.

A crítica não corrige as falhas dos outros porque não é baseada na caridade. A melhor maneira de atingir este fim, se é isto que se pretende, é substituir a crítica pela **correção fraterna**.

A devoção a Maria

Enfim, Santa Luisa nos recomenda a devoção a Maria, nossa Única Mãe. Como não considerar Aquela, que o Senhor associou de maneira tão extraordinária à Obra da Salvação? Recorramos a Maria como a "*Estrela da Evangelização*". Nos momentos difíceis, na hora do desânimo, da solidão, que as atinge mais do que a outras pessoas, não cessem de invocar sua ajuda e proteção.

² D. Bonhoeffer: Da vida em comunidade, p. 22

³ SV, 22.01.1648

Esta tarde, em Chartres, vamos confiar-lhe todos os frutos desta Sessão e pedir que vele pela Companhia e por cada uma das Irmãs.

Para terminar, agora que vocês reencontraram o **“primeiro amor”** e o entusiasmo de sua primeira resposta, só me resta dizer-lhes, fazendo eco ao Santo Padre, que por sua vez faz eco ao Evangelho: **“*duc in altum*”**⁴ (*“fazer-se ao largo para a pesca”*). Atravessem os mares, os montes e os vales, dizendo a quantos encontrem, e especialmente aos Pobres, que **Deus os ama**.

Mère Juana Elizondo,
Superiora Geral

Atualidade das Províncias

Província da Alemanha

150 anos de presença das Filhas da Caridade em Colônia

Irmã Alfonsa Richartz
Correspondente dos Ecos

A 29 de novembro de 2002, no próprio dia dos 369 anos da fundação da Companhia das Filhas da Caridade, a Província de Colônia celebra os 150 anos de atividades das Irmãs na Alemanha. Sua Eminência o Cardeal Meisner (Colônia) ao celebrar a Santa Missa falava de nossa vocação à Caridade. Logo em seguida, a cerimônia fazia lembrar em palavras e em imagens os 150 anos de atividade da vida vicentina. Irmã Rufina Leitenbauer, Conselheira Geral, transmitia-nos os cumprimentos de Notre Mère Elizondo. Os representantes da associação da Caritas e de muitas outras associações da cidade de Colônia, que trabalham com nossas Irmãs expuseram e elogiaram a atividade das Irmãs pelo bem da Igreja e da sociedade, do início até nossos dias.

⁴ Lc 5, 4; João Paulo II, *Novo millennio ineunte*, nº 1.

Foi no ano de 1852 que quatro Filhas da Caridade instalaram-se numa casa espaçosa em Colônia. Esta nova fundação havia sido recomendada e preparada pelos primeiros Lazaristas estabelecidos em Colônia no ano anterior.

As quatro Irmãs, de nacionalidade alemã, haviam feito seu noviciado em Paris, na Áustria e na Polônia e – após alguns anos de experiência a serviço da caridade, assumiram diferentes atividades na Casa "Glockenring", em Colônia. Fundaram uma escola para ensinar a ler e a escrever aos pequeninos – hoje, se diria um jardim de infância – algo totalmente inovador, pois era a primeira escola primária gratuita da cidade de Colônia. Em seguida, assumiram os cuidados dos doentes a domicílio na Paróquia de Santa Úrsula e fundaram a Associação das Filhas de Maria por toda a cidade de Colônia. Estas Associações de Filhas de Maria prosperaram em numerosas paróquias da cidade durante mais de cem anos. Em 1854, segundo o desejo da Igreja, as Filhas de Maria ingressaram no Movimento da Juventude Católica alemã e neste momento tiveram que mudar de nome. No entanto, os começos eram promissores. As Irmãs podiam abrir e dirigir um certo número de obras para as crianças, os jovens, os doentes, os pobres. O número de Irmãs aumentava de forma surpreendente, possibilitando a abertura de novas casas, mesmo se, às vezes, a doença e a morte das Irmãs provocassem perdas dolorosas.

Em 1869, a Casa Mãe de Paris reunia as oito casas da cidade de Colônia e das vizinhanças na nova Província alemã das Filhas da Caridade,

Poucos anos mais tarde, a Visitadora, o Seminário e um grupo de Irmãs instalaram-se na nova Casa Provincial de Merheimerstrabe em Colônia Nippes.

O elan das novas fundações foi bruscamente sufocado pelas leis anticlericais do governo prussiano protestante, o "Kulturkampf". No início dos anos setenta, as novas obras de ajuda à infância e à juventude foram subitamente destruídas. Deviam ser fechadas. Só os serviços dos pobres e dos doentes sobreviveram. Por volta de 1880, dez anos após as divisões políticas, o Estado ameniza um pouco as leis anticlericais e as atividades do serviço dos pobres toma um novo impulso.

A casa da "Eintrachtstrasse" na Colônia, uma das primeiras casas a serviço da juventude é obrigada a mudar completamente de orientação e as Irmãs vão ocupar-se somente dos doentes. A partir de 1880, esta casa se torna um grande hospital na cidade de Colônia. Em 1907, o médico chefe funda a primeira escola de enfermagem da Alemanha, uma das obras pioneiras das Filhas da Caridade.

Quando as primeiras Filhas da Caridade atravessaram a bela porta de entrada de sua casa em Glockenring, sua atenção se voltava para estas palavras do Te Deum gravadas na pedra: "*In te, Domine, speravi*". Sim, elas colocavam sua esperança em Deus. E a continuação do texto reforçava sua confiança na Providência, quando liam: "*non confundar in aeternum*". O edifício espiritual, cuja existência, influência e resultado hoje festejamos, foi fundado sob a rocha da fé. Viu o ir e vir dos soberanos e dos impérios. Mesmo se forças destruidoras abalaram seus alicerces, ele resistiu e não desabou.

Tempos difíceis com os tumultos políticos sacudiram a vida da Província. O regime Nazista em particular e a Segunda Guerra Mundial causaram terríveis prejuízos. Não somente a perseguição religiosa, mas também a destruição de quase todas as grandes casas, com bombas e obuses, deixaram marcas sangrentas de ruínas, de lágrimas e de mortes. O hospital São José de Düsseldorf-Oberbilk foi bombardeado e a comunidade de 22 Irmãs pereceu em poucos minutos. Entre a centena de mortos havia também médicos, doentes, enfermeiras, funcionários. Sobre a pedra comemorativa está escrito: "Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que eu te amo!"

Uma fé firme e a certeza de estar nas mãos de Deus ajudaram as Irmãs a sobreviver durante estes tempos tão duros.

No fim da guerra, doze grandes casas de Colônia, Düsseldorf, Aix-la-Chapelle e outras, hospitais, casas de idosos, creches, estavam em ruínas. A Casa Provincial e tantas outras estavam bastante estragadas.

Na casa de "Glockenring", a casa dos nossos inícios, a inscrição gravada na pedra da porta de entrada permaneceu legível apesar das destruições dos bombardeios: "*Non confundar in aeternum*". A vontade firme das Irmãs não se abalou apesar da diminuição das forças. A energia do espírito vicentino dominava sobre a fraqueza, o sofrimento, a dor, o medo, a fome, a destruição e a perseguição.

O olhar retrospectivo sobre estes 150 anos de trabalho vicentino é como um caleidoscópio com as diferentes facetas dos acontecimentos do tempo, com o nascimento, o crescimento e o desaparecimento parcial de mais de 130 casas e de 1700 Irmãs.

No entanto, neste percurso, pensamos com alegria, gratuidade e respeito em todas as atividades, em todos os sacrifícios, no grande espírito de fé de nossas Irmãs que puseram os fundamentos do edifício espiritual da Caridade segundo o espírito vicentino. E, mesmo se nestes últimos anos, o número de vocações diminuiu, as palavras de São Vicente nos animam quando diz: "Três fazem mais do que dez quando Nosso Senhor ali coloca a mão" (Coste IV, 116). As Filhas da Caridade da Província de Colônia se

reconhecem enviadas para os campos de atividade da caridade, doadas a Deus para o serviço dos Pobres. E, com todo reconhecimento ouvimos as palavras de Santa Luísa de Marillac: "*Sede, portanto corajosas, a cada momento, avançando no caminho no qual Deus vos colocou para ir até Ele*". (ES 410).

Irmã Alfonsa Richartz
Correspondente dos Ecos